

A IMAGEM DO ESPAÇO PICTÓRICO.

SILVIA ROSADO¹

.....

Jean-Luc Nancy num livro sobre o trabalho cinematográfico de Abbas Kiarostami “l’Évidence du film” descreve o olhar como uma abertura, uma fenda que se abre diante do real. O olhar será aquilo que resiste à absorção que faz a nossa visão da consistência daquilo que é a vida e a morte. Será neste contexto que irei falar do trabalho de Helena Almeida.

Falar da singularidade do processo criativo desta artista faz-nos colocar questões acerca da própria natureza do olhar: trata-se de desenho, de pintura por via de um outro suporte? Aquilo que nos é dado a olhar, numa primeira instância, é a imagem de um processo criativo. O movimento desse processo produz a vários níveis uma continuidade concretizada em deslocações e ligações que a artista estabelece ao executar o seu trabalho oficial de pintar e desenhar. Deste modo, podemos dizer que Helena Almeida escolheu a fotografia e, mais recentemente, o vídeo como meios para pesquisar o espaço da pintura e do desenho. Faz do seu trabalho um território de procura que segue os vestígios da pintura. O que é fundamental no seu processo não é a construção de uma imagem acabada mas o modo como estabelece a ligação da artista ao espaço pictórico, à pintura, ao desenho. Como ela própria nos diz sobre o seu trabalho “(...) não são impressões ou marcas de “artista”, mas sim a representação da renúncia a essa espécie de registos”. O objecto olhado é o de uma imagem que fez desaparecer o espaço pictórico e o espaço do desenhado, sendo a imagem

.....

¹ Doutoramento em Estética na Universidade Paris 8 sob orientação Christine Buci-Glucksmann, “L’expérience éthique dans l’art contemporain”. Desde 2000 é regente e docente (professora auxiliar) nas disciplinas de Teoria do Projecto na Escola Superior de Design - IADE; docente no curso de mestrado na Escola Superior de Design - IADE, Lisboa, Portugal. silvia.rosado@sapo.pt

por excelência, o lugar onde a pintura permanece e onde podemos olhar a marca dessas ausências. Só através da imagem, Helena Almeida nos pode dar a pintura na sua inacessibilidade: a imagem é o que acolhe a inacessibilidade da pintura, ela é a sua mudez. Ao olharmos o seu trabalho, o que vemos é o lugar que abriga o pensamento: uma cabeça de olhos fechados, para sermos mais precisos, um pensamento que fecha os olhos com os braços abertos. Encontramos na sua pesquisa um pensamento que subtrai o sujeito, que o suspende, para nos permitir olhar o que acontece quando o que está representado não é um autorretrato de Helena Almeida mas um outro sem eu, sem identidade. Um corpo sem identidade. Numa entrevista de Helena Almeida, a artista plástica evoca o termo passagem. Nele encontramos a vontade de Helena Almeida em ultrapassar os limites do corpo. Nesse limite, o seu corpo é-nos dado enquanto resto ou resquício de alguma coisa, um corpo não portador da sua identidade mas engolido pelo negro. Numa entrevista de 1998, a artista evoca o termo passagem: "(...)a passagem, mas também é ultrapassar os limites do corpo.

Olhamos para o corpo, e o corpo termina de repente nos pés, nas mãos. Acaba ali. Não há mais nada à frente, parece uma escarpa de um rochedo sobre o mar. De repente termina. Porque é que eu acabo ali e começo aqui, porque estou cingida a esta forma, porque é que tenho esta solidão e a solidão dos outros? (...) Tenho muitas vezes a vontade de me transformar noutra coisa.

Quando faço isso em pintura, a tela sou eu e ela é que me permite ultrapassar esse limite do corpo, de trabalhar a minha solidão feliz.

Nesta passagem o exterior do seu corpo é pensado como um limite de todos os seus sentidos suspenso e indiferente à morte. Olhamos para um perfil que segura com as mãos uma eternidade plana e ilimitada: uma mancha negra que barra qualquer possibilidade de visão. A mancha como um plano que nos trava a visão e que é simultaneamente um ecrã, que guarda em si o infinito, sem nunca o perder. As fronteiras e extremidades deste corpo, que procuram ir além de uma existência terrestre, assentam na verticalidade de uma forma: o lugar hemorrágico onde o corpo de Helena Almeida erra, sem que o vejamos errar. O olhar que se abre e que fende - "pinto a pintura, desenho o desenho" - enquanto apresenta o seu

trabalho de pintura e desenho sobre suporte fotográfico. Só assim Helena Almeida consegue estender a sua superfície e mostrá-la enquanto se olha a si mesma. O suporte fotográfico permite-lhe alargar fisiologicamente o seu ser, ao mesmo tempo que apaga o seu corpo biológico/fisiológico, deixando apenas um perfil, um resquício de um rosto, um resto desse corpo biológico/fisiológico. Há, contudo, neste processo, uma interface no limite destas duas possibilitasse - a pintura em suporte fotográfico e a autorepresentação que não é um autorretrato - a pesquisa de um espaço de pintura e desenho que se oferece na imagem. A imagem situar-se-á nessa interface, no limite entre um corpo de pintura e o lugar impalpável da materialidade e imaterialidade da matéria que pode existir no acto de pintar. Assim, ela será aquilo que permite à pintura existir na sua inacessibilidade verbal e acolher o corpo, em permanente devir, da artista.

Estar em si mesmo, devorar-se, através de um amor contra si mesmo, e tudo isto sob um delírio visual que se projecta num ecrã a preto e branco, liso e plano. Ao projectar-se na vontade de querer existir num lugar exacto, Helena Almeida pinta de negro uma mancha que será fotografada e na qual poderá fugir às suas entranhas. Talvez ela só possa descer dentro do seu ser na qualidade de artista. Uma descida que ela faz enquanto nos lança para dentro de uma tempestade visual que quer reter, a todo o custo, os nossos olhos dentro do negro.

Porque é aí que o olhar deve permanecer, cito um dos seus textos de 1982 “ Viver o negro foi uma experiência de expansão num espaço incontrolável e vivo. Foi como se o meu interior fugisse para as extremidades do meu corpo e sem mais refúgio, saísse, ramificando-se espalhando-se para um exterior indeterminado.(...) As imagens interiores apareceram-me sempre tão directas e transbordantes que era como se eu estivesse virada do avesso e elas alastrassem como um borrão de tinta na água, rarefazendo-a - sem que eu pudesse evitar que estas imagens fossem o interior destas imagens, que estes trabalhos fossem a intimidade destes trabalhos.”

O plano vertical que absorve toda a luz e que se estende como o prolongamento do seu corpo, obriga o nosso olhar a deslocar-se nele de uma forma interna e não mecânica. É um olhar que entra em delírio, entregue a si mesmo, e que nos confirma que há um poder que corresponde a uma

mensagem muito antiga: a pintura nunca poderá ser verbal. O infinitamente subtil desta pesquisa pictórica fixa em suporte fotográfico é também o que firma uma superfície intemporal. O nosso olhar entregue a si próprio é posto em contacto com a anatomia do espaço da pintura: “Sinto-me quási sempre no limiar onde esses dois espaços se encontram, esperam, hesitam e vibram. É uma tentação aí ficar e assistir ao meu próprio processo, vivendo um sonho com duas direcções”. (Texto de 1978) Nos seus trabalhos é-nos igualmente apresentada a abertura de outros espaços: o virtual, o real e o imaginário. O seu corpo é o único a testemunhar a passagem desses mesmos espaços, e é ele que faz a sua leitura. Helena Almeida vê o seu olhar: o de uma artista deitada sobre o papel até à sua total abertura. É então uma fenda onde a figura corporal de Helena Almeida consegue desprender da sua existência terrestre. O seu corpo passa a ser um corpo de pintura suspenso que flutua no espaço da pintura. Uma relação é criada com o limite possível que Helena Almeida quer que o seu corpo represente. O limite desse corpo, ao tocar e ao tentar dilatar-se num corpo que não é suporte de uma identidade, irá mostrar a impossibilidade de pintar nesse limite. Aquilo que não é a Helena Almeida, que não é um autorretrato, é um corpo que engendra uma densidade virtual, cito um texto da artista de 1976”(...)Pois ao colocar-me como “artista” no espaço real e ao espectador no espaço virtual, ele troca de lugar com o suporte, tornando-se ele próprio espaço imaginário.”

O corpo reside no negro como um ser isolado, estranho a tudo aquilo que não quer ser, e deixa-se ficar na superfície ao mesmo tempo que é a sua própria superfície.

A procura do corpo só é possível na procura diferenciada destes três espaços: o real, o imaginário e o virtual de que Helena Almeida fala nos seus textos. Enquanto artista, ela coloca-se no espaço real enquanto conduz o nosso olhar para um espaço virtual. O nosso olhar troca de lugar com o suporte criando um espaço imaginário. Há nessa troca uma tentativa de reabilitar o visível a partir de uma noção de invisível. Somos conduzidos até ao limite do visível em pintura. A imagem cristaliza o imaginário porque é ela que retém esta troca com o suporte. É nela que Helena Almeida “pinta a pintura e desenha o desenho”, ao mesmo tempo que desvenda a narração

do acto de pintar até à sua última consequência. Olhamos o próprio acto pictórico a partir do seu acto de pintura. Para isso, Helena Almeida apaga a sua história, diluiu a sua identidade e o seu nome, para poder evocar aquilo que não tem nome, aquilo que as palavras não podem evocar. Entrar no negro é entrar numa obscuridade onde todo e qualquer barulho se perde em si mesmo. Na imagem fica um corpo esvaziado sem órgãos no sentido usado por Gilles Deleuze.

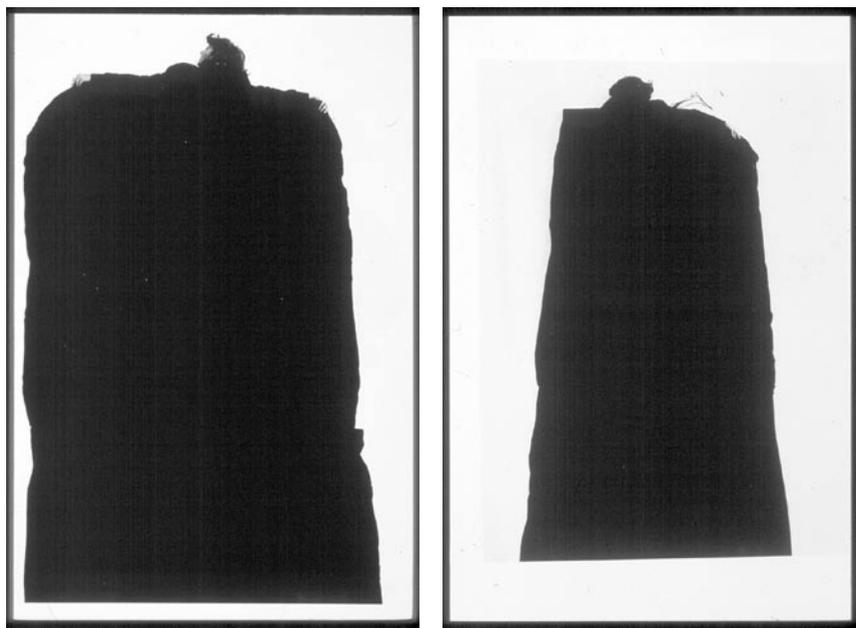
O espaço real que não é o de Helena Almeida é apenas um real habitado e o espaço virtual é aquele que está em aberto, é aquele onde podemos trocar de lugar com o suporte: “Pois ao colocar-me como artista no espaço real e ao espectador no espaço virtual, ele troca de lugar com o suporte, tornando-se ele próprio espaço imaginário”. No espaço virtual, a imaterialidade encontra-se na presença ausente de Helena Almeida. O negro estrangula o corpo da artista para criar um verbo visual. E será esse mesmo verbo visual que irá anular a dimensão pragmática da obra e deixar criar, através das qualidades sensíveis do olhar, uma outra corporeidade física. O registo da mancha de negro será o único registo que os nossos olhos poderão tocar, o único limite possível.

A história secreta do acto de pintar mostra a impossibilidade de pintar. É a imagem que nos permite olhar o limite do acto de pintar. É ela que nos dá a possibilidade de olhar o exílio da representação da pintura. A pintora decidiu morar na pintura, ao mesmo tempo que criou e provocou a revelação de paradoxos que constituem a história interna e secreta do seu acto de pintar. Há, contudo, no seu trabalho, uma tensão que se alimenta do plano de imanência em que seu corpo está inscrito. Nela está instalada uma intriga figural em que o corpo de Helena Almeida pode escapar a toda e qualquer compreensão. Porque o corpo se desenvolve na interioridade do negro, no que absorveu toda a luz. É um corpo de silêncio, onde o negro é a textura imaginária do corpo real de Helena Almeida elevado à sua última potência.

Na imagem ficou o lugar onde o mundo e as coisas não separadas não têm origem. A pintura e a pintora não querem ver a sua história. A imagem solta o negro que, por sua vez, destrói o eu do pintor, e o olhar

é convidado a entrar nesse espaço coberto pelo nascimento de um outro corpo, como Helena Almeida nos diz num texto seu. Do seu trabalho fica uma questão em relação a utilização que aí se faz da imagem fotográfica como território de pesquisa do espaço pictórico: será ela necessária para criar uma poética que se prolonga no presente do Belo?

Podemos dizer que o “estrangulamento” do corpo pelo negro é a “carne” que permite ao pintor encontrar uma figura estética que se inventa a si própria. Sabemos também que Helena Almeida faz do acto pictórico através da imagem fotográfica um objecto, um esquisso de uma imagem sem território, onde só Helena Almeida - aquela que é pintora - pode arriscar a sua identidade, sabendo que só a imagem pode dar ao olhar a vida e a morte de um acto de pintura.



Trabalho de Helena Almeida. Fotografias da série “Negro Agudo”, 1983, série de 4 fotografias a preto e branco 82 x 72 cm cada.

REFERÊNCIAS

CARLOS, Isabel; VANDERLINDEN, Barbara. **“Helena Almeida”**. Lisboa: Electa e Instituto de Arte Contemporânea de Lisboa, 1998.

Catálogo da Fundação Serralves, **“Dramatis Persona: variações e fuga sobre um corpo”**. Porto: Fundação Serralves, 1996.

DELEUZE, Gilles, **“Francis Bacon Logique de la sensation”**. France: De la Différence, 1994.

